

ATRAÇÕES FATAIS E GOZOS IMINENTES EM FURAGEM E ALDRAVA

Fábio Júnio Vieira da Silva¹

Se poesia é brincar com palavras, como afirma o eu lírico de José Paulo Paes em seu poema *Convite*, Edson Flavio Santos, em *Aldrava* (2020), e Divanize Carbonieri, em *Furagem* (2020), destoam da brincadeira de fazer poemas e transformam a ocasião em um ofício laborioso. Um trabalho que mais parece o de lascas de rochas para retirar de tantas crostas lexicais palavras que fundam e se afundam, cortam e deixam cicatrizes na alma dos leitores. Parece banal o que teimosamente afirmo: a arte tende a deslocar o admirador para espaços desconhecidos ou tende a alocar o contemplador em sua própria realidade ao ponto de este rever os seus conceitos referentes ao seu *modus vivendi*, o que abre precedentes para ele se avaliar e avaliar a realidade em que desenvolve a sua ação como sujeito social.

Se há uma causa única em cada obra, como lutas de classes, feminismo, machismo, entre outros, procuramos deixar para uma discussão posterior. Não é nosso intento abordar nessa pequena percepção essas perspectivas em seus mínimos detalhes. O que se pretende

aqui é fazer uma breve observação a respeito de duas obras que mais movem o sentimento do leitor do que sua preocupação com a teoria da composição ou o fazer poético/literário dos escritores. Como já dissemos, eles o fazem com tanto zelo que mais parecem lascadores de rochas em busca de pedras preciosas. Pensando bem, essas rochas-palavras são as lâminas e os projéteis que em *Aldrava* cortam e em *Furagem* penetram fazendo esvaír os fluidos corporais dos sujeitos líricos. Fluidos esses que podemos encontrar em “[...] fecho os olhos e vejo o jorro de sangue por entre as mãos” (FLÁVIO, 2020, p. 15) e “rompe a bruma / vertendo o sangue” (CARBONIERI, 2020, p. 25), duas situações distintas que parecem avermelhar as páginas das obras literárias em ambos os eus líricos.

Nessas obras, a memória se faz presente para evocar o ferimento que cicatrizará e ainda está ali e parece evacuar sangue de tempos em tempos, como é o caso de *Chaga* de onde tiramos o fragmento de *Divanize*, uma vez que esse poema, de alguma forma, nos conduz a entender que há em todo seu constructo uma alusão ao órgão sexual feminino e o “vertendo sangue” alude à situação menstrual ou por violência nesse órgão, pois a “rasgada chaga” é a “chave para o mundo” (CARBONIERI, 2020, p. 25). A bem da verdade, *Furagem* parece nos convidar a ver a violência do sexo com bastante proximidade, por onde se esvai o sangue e o esperma. Esse local de intersecção ou liame que a poética de *Divanize* estabelece entre a vida, em prazeres e gozos, esbarra na violência e na morte. Em Flávio isso acontece com mais sutileza, “prazer mo-

lhado e quente, como / o beijo... a navalha sutil / adeus” (FLÁVIO, 2020, p. 15).

Diante do já dito, temos duas obras em que somos convidados a bater na porta e entrar em um lar de melancolia e amor não correspondido que mais parece aludir a uma solidão de um castelo, não como o de Sade, em *120 dias de Sodoma*, mas como o de Kafka, no qual estamos perdidos em nós mesmos com nossas dores e frustrações. Já quando lemos *Divanize*, deixando de lado toda a ideia de luta feminista, percebemos uma poética do gozo e da violência. Se bem que em ambos os títulos temos ações e em ambos temos a ideia de adentramento, de penetração, de furo e de porta de entrada. E, para tanto, convém entender que as obras literárias e artísticas que agora lemos são compostas de uma humanidade, e que essa se traja de um corpo humano com seus sentimentos, ou de corpos que vagueiam ou estão estendidos no chão, na cama ou nos braços dos algozes a se esvaírem de sangue ou gozam desesperadamente – o que não é de modo algum vulgar.

A poética de *Divanize*, de alguma forma, faz emergir um discurso altamente erótico que mistura “esperma coalhado sobre as carnes” (CARBONIERI, 2020, p. 38) e “ninguém socorre a menina” (CARBONIERI, 2020, p. 50). No primeiro, há uma glutona por amor e, no segundo, há uma menina que é brutalmente esfaqueada. Em todo caso, somos convidados a sofrer a punição adequada por pertencermos a uma sociedade que vive em seus extremos, ou vivem extremando, esquecendo-se dos percursos e focando nos finalmente. Amor e ódio, sexo e violência, por fim vida e morte se encontram nas mesmas cenas poéticas de *Divanize*. E, com sua poética, somos convidados a ver a moça envolver com sua vulva o falo e isso nos comove da mesma maneira que somos convidados a

lembrar das cenas cruéis que se passaram na ocasião do assassinato da então vereadora do Rio de Janeiro Marielle Franco e seu motorista Anderson.

Como dissemos, somos punidos em nossa realidade por *Furagem* e somos punidos em nossos amores em *Aldrava*. Em ambos os textos, os prazeres e os desprazeres são evocados e nós os leitores somos colocados como reféns de sujeitos líricos tão vividos e tão experienciados na nossa vã compreensão de tais poéticas. Dizemos tais, porque envolvem dois sujeitos escritores cujas experiências com a poesia e a literatura são largamente conhecidas. Se bem que seus textos falam por si, numa espécie de metalinguagem. Os poemas contidos nas duas obras oferecem aos seus leitores uma amplidão de experiências de vida e não tem como negar a contribuição dada por esses dois escritores à literatura brasileira contemporânea produzida em Mato Grosso. Em suma, podemos dizer que a poética de Edson Flávio se utiliza, metaforicamente, de um estilete para perfurar as epidermes com seus amores ressentidos, distantes e falhos. Amores que não se realizam em hipótese alguma a dois, há sempre a necessidade de se estar e de procurar se ausentar de si mesmo, pois “cansei de ser eu” (FLÁVIO, 2020, p. 49). Já *Divanize* se utiliza da violência de um sexo presente, de abusos iminentes e de armas letais que deixam as páginas poéticas encharcadas de espermas que coagulam à medida que o sangue da vítima o faz.

Assim, percebemos que o amor é violento em ambos, porém em *Aldrava* o amor doma o espírito, enquanto em *Furagem* o amor é muito mais letal e escrupuloso. No primeiro o sujeito se esvai com seus sentimentos melancólicos; no segundo o sujeito se esvai pelo furo que se faz nele e, quando não se esvai, suporta a crítica em torno da autorrealização:

¹ Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT), sob orientação da Profa. Dra. Walnice Vilalva. E-mail: fabiopedletras@gmail.com

“não é rombo ter / amado muito” (CARBONIERI, 2020, p. 79), diz o eu lírico nos últimos versos do livro. Como dissemos, ofício duro esse negócio de poesia. Basta lermos o último haicai composto por Edson e Eduardo Mahon ao encerrar o livro.

Em suma, essa dura lida com a palavra, esse trabalho que arde e urge é tão prazeroso aos sentidos do leitor, prazer que esse que ultrapassa o estatuto da linguagem e invade o humano. Estar enamorado se distancia do convite feito a adentrar no seio do sujeito-lar (sujeito lírico em Edson Flávio), nele sobram as cicatrizes e as memórias de um amor que se esvai em sua volatilidade e em suas efemeridades. Diva carrega as memórias de amores dados e abusos reforçados pela condição do feminino que não suplica, mas que em seus suplícios supera a desordem de uma memória ligeiramente esperançosa e que é capaz de gritar aos ventos que amar causa efeitos que vão além de uma possível deformação corporal. O

que há então de tão iminente e gozoso nesses dois poetas? Os rombos e as cicatrizes não sangram e se sangram são de pura delícia que se tem ao se entregarem ao prazer trabalhoso da escrita e ao estímulo de brincarem com as palavras e com nossos sentimentos como leitores. É um prazer que ultrapassa os versos e se aloja no avesso da alma humana.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CARBONIERI, Divanize. *Furagem*. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020.
- KAFKA, Franz. *O castelo*. Tradução de Torrieri Guimarães. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2013.
- PAES, José Paulo. *Poemas para brincar*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1991.
- SADE, Marquês de. *Os 120 dias de Sodoma ou a Escola da Libertinagem*. tradução e notas de Rosa Freire d’Aguiar. 1. ed. São Paulo: Penguin Classics Companhia das Letras, 2018.
- SANTOS, Edson Flávio. *Aldrava*. 1. ed. Cuiabá: Carlini & Caniato Editorial, 2020.

Suplemento Literário de Mato Grosso

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/nodoa-no-brim>

Leia também!



Suplemento Literário de Mato Grosso
Edição 75
Nódoa no Brim
TAMARÁ DE 2022 - SET - 2022
DE 16 A 24 DE 2022

LANÇAMENTO
EDIÇÃO 75
ABRIL / 2022

Amazônia Legal (poema)
Tempestade
Marli Walker
Nódoa
Valdo da Silva

Carta ao escritor
Carta à escritora
Luciene Carvalho
Deiciely da Silva

Conto
Carretel
Antonio Ribeiro

Literamato (resenha)
PENTRE FLORES E OSSOS:
Um passeio pelo jardim de Marli Walker
Jocineide Maciel e Elizabete Nascimento

Crônica
Aracy Balabanian e A Armênia
Raquel Naveira

Artigo
Pedro Casaldáliga e a luta com as palavras
Edson Flávio

Artista Visual Convidado
Maximino Cerezo Barredo

Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários **PPGEL**

UNEMAT
Universidade do Estado de Mato Grosso
Celso Alberte Brayer Matosando



LINK: <https://www.revistapixe.com.br/edicao-especial-natalino-ferreira-mendes>

O COMBATE

TODOS OS MESES NO SITE PPGEL

LINK: <https://ppgelunemat.com.br/o-combate>

Jornal “O Combate”

Expediente

O Combate é um periódico mensal, destinado à publicação de textos de discentes do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários (PPGEL/UNEMAT). O objetivo do jornal é ser um espaço de fomento à escrita científica no campo da Literatura. Nele, serão aceitos ensaios, críticas, resenhas e artigos de opinião, sendo a temática livre – desde que relacionada com alguma área do saber dos estudos literários.

Direção geral: Helvio Moraes

Equipe editorial: Helvio Moraes, Luan Paredes Almeida Alves, Adrieli Ferreira Nogueira, Eliane Cristina Chieregatto

Colaborador deste número: Fábio Júnio Vieira da Silva

Diagramação: Umberto Rios Magalhães

Contato: jornalcombateppgel@gmail.com



UNEMAT

Universidade do Estado de Mato Grosso
Núcleo de Pesquisa Wladimir Dias-Pino

Endereço: MT-358, 7 - Jardim Aeroporto,
Tangará da Serra - MT, 78300-000